

14º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 19

1ª leitura (Antigo Testamento) Isaías 50.4-9

O "Segundo-Isaías" (caps. 40-55) pertence ao fim do exílio babilônico. O exílio dos judeus na Babilônia iniciou em 582 a.C. e terminou em 538 a.C., mais de quarenta anos depois. Perto do fim do exílio, a maior parte dos exilados pertencia a uma segunda geração nascida na Babilônia. Para se ter uma idéia disso é só pensar quem estava na nossa igreja quarenta anos atrás e quem está hoje ao que devemos acrescentar o fato de hoje a expectativa de vida ser bem maior do que no sexto século a.C.

A nova situação encontrada por esta segunda geração se deve ao Imperador Ciro da Pérsia (atual Irã) que avançava firmemente contra o Império Babilônico (atual Iraque) levando a esperança de mudanças inclusive pelo fato dos persas buscarem alianças com os setores religiosos dos povos antes oprimidos pela Babilônia.

O texto deste domingo pertence, por sua vez, a uma seção especial da profecia do Segundo Isaías que é chamada de "*Cantos do Servo*" (42:1-6; 49:1-6; 50:4-9 e 52:13 – 53:12). Na verdade Isaías 40-55 é toda uma grande coletânea de poesias e cantos que originariamente eram cantados ou recitados de forma independente. Estudiosos identificam entre cinquenta e setenta e cinco unidades literárias diferentes. Tudo isso nos diz muito sobre a forma de transmissão desta profecia através de gêneros populares como hoje são os repentistas, a trova ou a música popular. Na verdade, este grupo profético se dedica a uma verdadeira contaminação de esperança disseminando seus cantos e poesias.

O mais provável é que o "*servo*" ao qual se referem estes cantos seja a primeira geração de exilados que já tinha morrido. A segunda geração reconhece que o sofrimento dos seus antepassados não foi em vão. A segunda geração está aí cantando porque antes outras pessoas souberam falar para eles palavras de consolação (50:4). A geração que os precedeu soube ouvir com humildade (50:5), resistiu com coragem a todo tipo de humilhação (50:6) e mostrou com sua atitude que a presença de Deus os fortalecia no seu sofrimento (50:7).

A partir do versículo 8, o apelo se dirige à nova geração. Esta geração nova não deve apenas lembrar do exemplo recebido, mas agir "*juntamente*" com eles numa unidade transcendental de redenção. Desta forma o Senhor que ajudou no passado continuará a ajudar.

Jesus irá atrair para si a imagem do Servo de Isaías. Ele sofreu antes de nós, por todos e todas nós. Mas seu exemplo de fé e vida de nada valerá se não agirmos "*juntamente*". O mesmo vale para as gerações que nos precederam na Igreja. As circunstâncias mudaram muito nos mais de cem anos de Igreja Anglicana no Brasil, o que nos leva a cantar melodias diferentes. Porém, devemos manter viva a mesma coragem e disposição. Todas essas pessoas que nos precederam estão conosco e nós com elas e todos/as com Deus na tarefa de levar amor, justiça, felicidade e esperança para o mundo em nome de Cristo Jesus. (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Tiago 2.1-5, 8-10, 14-18

Vs 1-5 - A questão tratada aqui é a igualdade diante de Deus. A exortação é: "não sejam cristãos que adotam favoritismo em relação aos ricos" (veja o exemplo dos vs. 2-3).

Vs 5 - A imparcialidade está na escolha de Deus. Deus elegeu os pobres. (Cf 1 Co 1.27)

Vs 8 - Há um corretivo para uma interpretação reducionista do amor ao próximo. O próximo não é aquele que lhe convém por conveniência social ou outra qualquer. O próximo é o pobre. Em Lucas, o próximo é o inimigo. A Lei do Reino ou a Lei mais importante ou a Lei do amor é mantida em sua inteireza. A lei da realeza (*basilikos*) tem a ver com o reinado de Deus. Essa lei, no vs. 12, é a lei da liberdade. O ponto central é a misericórdia. Em poucas palavras, nas linhas do Antigo Testamento, Deus mostrou-se misericordioso com os Pais no Egito, portanto, "andem de modo misericordioso".

Vs 14-18. A fé expressa nas obras. Essa afirmação tem a ver com os que se consideram ter fé, que têm a pretensão de ter fé e querem demonstrar essa fé. As obras não substituem a fé. As obras não têm sentido de "troca", mas são expressões de fé. A fé sem obras é como o desejar bem e mostrar-se amigo sem o auxílio ativo e ficar nas palavras. Isto tem implicações no sentido de que a fé não pode ser usada para justificar a condição melhor de vida e livrar-se do incômodo. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 9.14-29

No texto de hoje há um encontro instigante entre Jesus, seus discípulos e uma numerosa multidão. Quando Jesus chega, ele procura se informar do que ocorrera e logo é informado da situação. Um homem lhe diz que levava seu filho endemoninhado aos discípulos e eles foram incapazes de exorcizar o espírito. Segundo o texto, Jesus resolve o problema do jovem e depois passa a instruir os discípulos. Neste texto, é possível encontrar um paralelo muito interessante com nossos dias. Vejamos:

Em primeiro lugar nós também nos encontramos com pessoas possesas. O tema da possessão dá um tratado teológico, mas não nos deteremos sobre isso agora. O que nos interessa é trabalhar alguns fatos inegáveis do texto. O texto, por exemplo nos diz que este jovem era possuído por um espírito que, desde a infância, fazia com que ele fosse "lançado por terra", "espumasse", se revolvesse pelo chão e ficasse surdo e mudo. O que o texto descreve, de fato, é uma possessão. A possessão ocorre quando alguém toma posse de outra pessoa. Esta pessoa passa, agora, a fazer tudo o que o outro manda. Ela se submete completamente à vontade do outro. Ela já não tem consciência do que ocorre ao seu redor. O outro é que fala e age por meio dele. Da mesma forma, hoje em dia, encontramos muita gente que é incapaz de viver sua vida por si mesmo. São escravos de outros seres. São submissos à vontade dos outros. Querem o que os outros querem. Fazem o que os outros mandam. Na linguagem sociológica dizemos que são "alienados". Eles pensam com as

categorias da classe dominante. E por isso, não falam, não ouvem, nada fazem a não ser repetir o discurso que lhes é imposto. Mas quando Jesus entra em cena as coisas mudam.

Em segundo lugar também nos vemos incapazes de, sozinhos, resolver esses problemas. Todo o problema surge quando Jesus pede às pessoas que expliquem a razão de tanta discussão. Imediatamente aparece um pai que conta sua história. E esta história envolvia os discípulos de Jesus. Ele fala de como sofria com seu filho e de como os discípulos tentaram, sem êxito, expulsar o espírito do menino. E possível, inclusive, imaginar os discípulos tentando expulsar o espírito. Como o texto fala em "discípulos" é razoável imaginar que eles tentaram várias vezes. Um após o outro. E nada! Fracasso completo! Também hoje encontramos muitos "discípulos" de Jesus apresentando shows pelas esquinas. Muito grito, muita coreografia, "entrevistas com o diabo", etc. Mas as pessoas continuam escravizadas por um sistema iníquo, injusto, opressor, e o que é pior, legitimado por uma teologia que legitima o ter e a prosperidade. Os verdadeiros discípulos precisam está cientes de que a libertação envolve todo o ser.

Finalmente, só uma intervenção divina pode dar conta de toda a situação. Quando estamos diante dos nossos fracassos, enquanto discípulos de Jesus, é que compreendemos as palavras do mestre: "sem mim nada podeis fazer". A indicação de Jesus no verso 23: "tudo é possível ao que crer" e a repreensão do verso 19 "Ó geração incrédula", é importante. É uma indicação que para agir como discípulo de Jesus precisamos ter fé. E o que é fé? Fé é um sentimento de dependência última. A fé fala de compromissos radicais e que envolvem a vida. Jesus não nos quer pela metade. Ele nos quer por inteiro. A fé nos faz assumir um compromisso que implica em dedicar tudo o que somos e tudo o que temos no projeto de Deus. Este projeto faz com que, em nome de Jesus, as pessoas sejam tomadas pela mão e postas de pé (v.27).

Será que nosso ministério tem contribuído para que as pessoas se coloquem de pé e andem com seus próprios pés? Nosso ministério tem servido para libertar as pessoas da alienação que as aprisionam? (JLFA)